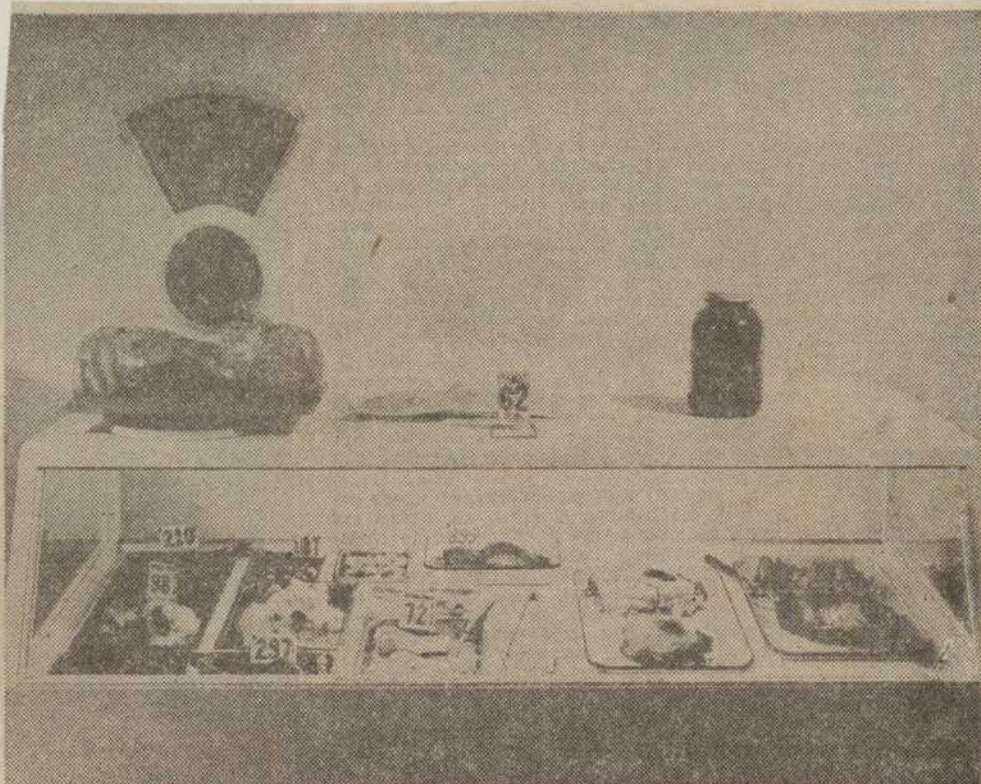


# A Bienal de Paris: decepcionante, segundo nosso correspondente.

DE ASSIS VILLELA  
NETO — NOSSO  
CORRESPONDENTE  
NA EUROPA.



"And is there else you'd like Madame?", (Há alguma coisa mais que a senhora gostaria, madame?), de Mark Prent, do Canadá.



"Espectador de Espectadores", da Equipe Crônica, Espanha um dos poucos representantes de tendência politizante.

Precedendo de quase um mês a abertura da Bienal de São Paulo, Bienal de Paris, a oitava da série, foi inaugurada dia 15 último e durará até 21 de outubro (e decepciona...).

Essa VIII Bienal dos franceses (criada desde 1959 justamente na altura da nossa e limitando na ocasião a idade máxima dos participantes a 30 anos, se não nos falha a memória — 35 anos hoje), "é a segunda desde o "grande happening" dos artistas", que após os acontecimentos de maio de 68 se recusaram "à arte pela arte" (Bienal de 1969) para fazer dela um meio de transformação da sociedade (sic). Mas segundo os mesmos observadores daqui, "o artista se deu conta que estava num impasse: com a arte ela somente pode fazer arte"...

A Bienal precedente, de 1971, no Parque Floral de Vincennes, a maior

parte a céu aberto e, na parte coberta, em galpões improvisados interiormente para a exposição, foi um novo "grande happening" em outro sentido: "la fête foraine" — uma feira, como dizemos nós. Todas as "experiências" dos artistas jovens eram permitidas e aceitas por um público curioso, num verdadeiro "parque de diversões" em que nada faltava: o espaço verde, algodão doce e refrescos para a criançada, desaliterantes, bebidas para os adultos e até refeições ligeiras para todos. O ambiente informal não levava o leigo a se perguntar o que era ou não era arte e mesmo se se tratava de "arte": era a festa... E pelo menos, todos participavam.

A Bienal de Paris volta agora ao museu, aliás a dois, este ano, os mais importantes da capital francesa: Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris (que sempre a acolhera) e Musée National d'Art Moderne. A arte efêmera de hoje — esta oitava Bienal guarda o mesmo espírito da sétima, apenas talvez com maior regressão do hiperrealismo e da arte conceitual — fica decididamente comprometida num ambiente de "consagração", onde todo mundo se toma a sério. O "happening", qualquer que seja ele, está prejudicado em 1973...

No "handicap", mais de uma centena de artistas do mundo inteiro, contando os que se apresentam em grupo. Do Brasil o paraibano Antônio Dias (que hoje vive em Milão) e os mineiros Beatriz e Paulo Lemos, que se apresentam juntos (vindos de Belo Horizonte). Na seção "dernier cri" do ano, "environnement" (meio ambiente), canteiros de obras, estúbulos, pedras e pedregulhos, terra, espalhados pelo chão, árvores retiradas do solo com as raízes, feno e até pequenas tartarugas emprisionadas, às quais se espalham em permanência folhas de alface, ao lado de uma maquete de 72 metros quadrados das ruínas de Ostia Antica, perto de Roma, na qual trabalharam durante dois anos Anne e Petrick Poirier (França).